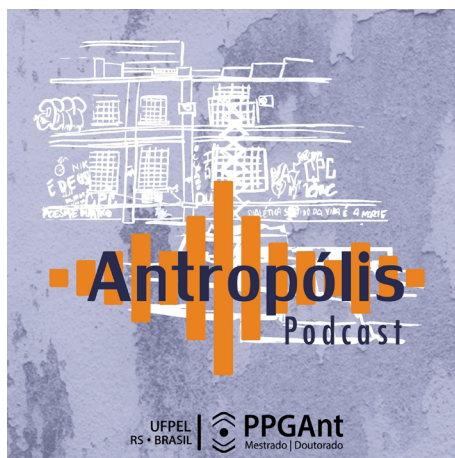


DOI: <https://doi.org/10.29327/560891.1-6>



Antropópolis *Podcast*: para muito além da academia

Guilhermo Aderaldo
Francisco Pereira Neto
Claudia Turra Magni
Ediane Oliveira
Gabriela Lamas

Muitas vezes nos perguntamos: por que a Antropologia, que estuda todo universo da humanidade, é tão desconhecida? Por que essa, que é a mais nova das Ciências Sociais, é seguidamente confundida com Ornitologia (estudo das aves), com Arqueologia (estudo dos vestígios materiais dos povos) e outras “logias”? Não queremos aqui desvendar esse mistério; apenas buscar meios de torná-la mais compreensível. Através do relato da construção de nosso podcast, Antropópolis, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal

de Pelotas (UFPel), pensamos contribuir para que essa fascinante área do saber ressoe melhor em seu ouvido.

Antropologia na podosfera

O uso de tecnologias digitais na produção e divulgação do conhecimento antropológico tem sido um desafio estimulante, em particular (mas não apenas), para as novas gerações. Alguns núcleos acadêmicos, como o *Banco de Imagens e Efeitos Visuais* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (BIEV, UFRGS) têm tido grande êxito nesse sentido, como bem revela a entrevista que fizemos com uma de suas coordenadoras, a Profa. Ana Luiza Carvalho da Rocha¹. Atualmente, as condições impostas pela pandemia da COVID19 tornaram esses recursos tecnológicos incontornáveis, sobretudo para o ensino.



Microfones, computadores, internet e torcida para tudo dar certo. Autoria: Guilherme Aderaldo.

No Brasil, vivemos retrocessos políticos, com cortes orçamentários, autoritarismo e agravamento das dificuldades para trabalhar nas universidades públicas. Diante desse novo cenário, fomos instigados a desenvolver outras possibilidades de troca mediadas por recursos digitais, como *lives*, *podcasts*, aulas abertas, bancos de imagens, exposições virtuais, etc. Essas iniciativas tornaram-se promissoras.

1

Episódio #11: Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5OpJBO8YUj9sqJJ3DIWT5>

soras e viabilizaram novas formas de intercâmbio de ideias, abrindo oportunidades até então impensáveis. Núcleos de pesquisa localizados fora das grandes metrópoles têm podido se articular através de canais nacionais e até internacionais, dando grande visibilidade e “audibilidade” à sua produção científica, para muito além do universo acadêmico. Dentre os exemplos dessa descentralização da produção via canais digitais, temos, na cidade de Sobral-Ceará, o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, da Universidade Federal do Vale do Acaraú (UVA), que vem tecendo a história da Antropologia Visual no Brasil por meio de uma série de *lives* com antigas e novas gerações de pesquisadoras, difundidas via Youtube².

Mas é na radiodifusão digital que queremos nos deter aqui, e sua esfera de abrangência tem sido tamanha, que o termo *podosfera* foi adotado pelos amantes de podcasts. Neste caso, para além de nossa experiência recente com o Antropólis, da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, sobre a qual nos determos adiante, podemos citar outros *podcasts* que se consagraram fora do eixo acadêmico Sul-Sudeste, como *Museológicas*, da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), ou o *Observa Antropologia*, da Universidade Federal de Paraíba (UFPB), ambos apresentados em capítulos deste livro.

Mas não é apenas a produção antropológica que se beneficiou com a ampliação de sua difusão na *podosfera*. As próprias populações que foram tradicionalmente pesquisadas pela Antropologia tornaram-se protagonistas neste e em outros veículos de comunicação, trazendo à cena novas linguagens, ideias e conceitos capazes de transformar esta área do conhecimento em termos teóricos, metodológicos, pedagógicos e políticos. Este é o caso de *podcasts* produzidos e veiculados por populações indígenas, como, por exemplo: *Áudio Wayuri* ou *Copiô, parente* – boletim do Instituto Socioambiental (ISA) que traz notícias semanais de Brasília concernentes es índies e povos da floresta.

Além disso, o acesso ao diálogo entre antropólogos e interlocutores foi outra possibilidade que se abriu na *podosfera*. É o que faz o Mundaréu, *podcast* produzido em parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo (LABJOR) da Unicamp e o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (tema de um dos capítulos desta publicação). À semelhança do que fez *Dziga Vertov* com o filme *Um Homem com uma Câmera* (1929), que revelava o

2 As entrevistas podem ser vistas em: <https://www.youtube.com/c/LabomeVisualidades/videos>

modo de elaboração de um filme, este *podcast* põe a nu a forma de construção de pesquisas antropológicas. Nele são abordadas as negociações em “trabalho de campo” (como é chamado o processo de elaboração de dados da pesquisa), as trocas com interlocutories, incluindo os sentimentos de ambos, suas alegrias, dores e tensões, indissociáveis do encontro etnográfico.

Não é raro nos depararmos com pessoas que se decepcionam com pesquisas (não somente antropólogos), ao sentirem que seus conhecimentos foram usados por saberes especializados e não compartilhados com os grupos pesquisados. De fato, a Antropologia se desenvolveu no fim do século XIX e início do século XX, num contexto de colonização de saberes europeus sobre os povos colonizados. Mas há várias décadas ela persegue uma “virada” nesta forma de fazer ciência, reconhecendo a importância de saberes “nativos”, aproximando e compartilhando conhecimentos e práticas de pesquisadores e pesquisades. Nesse sentido, o recurso *podcasts* pode contribuir para estabelecer mediações, devoluções e traduções dos avanços e resultados alcançados pelas pesquisas. Em termos éticos, portanto, a podosfera abre uma excelente oportunidade de estreitar as relações de troca e comunicação entre a produção antropológica, as populações e coletivos que dão sentido à sua existência e à sociedade abrangente.

Antropólis: experimentando novas habilidades através do *podcast*

Na Universidade Federal de Pelotas, o ensino da Antropologia existe desde 2008, quando foi criado o Bacharelado. O Mestrado e Doutorado surgiram logo após, em 2012 e 2016, respectivamente. A ampla difusão dos estudos e das atividades desenvolvidos nestes cursos é a tônica dos projetos de extensão universitária. Em 2017, es estudantes do Bacharelado, apoiades por docentes, criaram um programa radiofônico semanal veiculado pela rádio comunitária de Pelotas (RadioCom, 104.5 FM): “Nós Nosotros: antropofonias e charlas”³. O projeto de extensão mantém-se ativo até hoje e foi convertido em podcast após a pandemia de COVID 19.

3 Disponível em: <https://www.listennotes.com/podcasts/n%C3%B3s-nosotros-nos-nosotros-Zor-XN7-HWMw/>

Mas o *Antropólis* foi o precursor na experiência com *podcasts*. Criado em 2019, foi uma iniciativa de Guilherme Aderaldo, que acabara de chegar em Pelotas na condição de bolsista de pós-doutorado e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia⁴. A vontade de desenvolver um projeto de difusão sobre temas relacionados à Etnografia Urbana e à Antropologia da Imagem vinha de sua trajetória de pesquisas em diversos centros acadêmicos: o Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), o Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC) e o Urbandata Brasil, na USP, além do Laboratório de Antropologia Contemporânea da Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais (*Laboratoire d'Anthropologie Contemporaine - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*), na França.

No Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPel, a iniciativa ganhou plena acolhida do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) e do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). Entendia-se que a criação de um *podcast* permitiria o desenvolvimento de novas habilidades técnicas, comunicativas e político-pedagógicas, de modo mais interativo e capaz de fortalecer trocas, pontes e diálogos entre núcleos de dentro e de fora da UFPel, assim como com a sociedade em geral. Naquela altura, não havia tantas iniciativas do gênero na área de Antropologia, e as habilidades relativas à podosfera ainda eram escassas entre nós.

Com a chegada da pandemia da COVID 19, no fim do primeiro trimestre de 2020, e a frustração de termos que manter o distanciamento social, a dedicação à construção do projeto acabou se convertendo numa oportunidade associativa importante ou numa “terapia coletiva”, como costumamos brincar internamente. Montamos uma pequena comissão e um grupo no *WhatsApp*, com pessoas ligadas aos referidos laboratórios e fomos discutindo possibilidades relacionadas à proposta, ao título e à identidade visual do projeto. Guilherme, de saída, sugeriu o título *Antropólis*, um termo inventado para conjugar as palavras “Antropologia”

4 A construção de um *podcast* fazia parte do plano de trabalho que o pesquisador pretendia desenvolver na instituição, todavia, com a formação da atual equipe, verificou-se que o desejo de construir um projeto como este também era compartilhado pelos demais colegas, o que fez com que a proposta se desenvolvesse de forma entusiasmada e num espírito profundamente colaborativo, conforme esperamos deixar claro no decorrer deste capítulo.

e “Pólis” (conceito criado na Grécia Antiga para designar o que hoje entendemos como cidade). O urbano, nesse caso, é pensado em seu cosmopolitismo, como ambiente de trocas, interações culturais, circulação de saberes e potência simbólica. A princípio, o nome pareceu estranho e decidimos deixá-lo, provisoriamente, enquanto buscávamos desenvolver imagens que, de alguma maneira, representassem a identidade visual do podcast.

Algumas sugestões de imagens e logomarcas foram surgindo, até que Gabriela Lamas, graduada em Cinema e Audiovisual pela UFPel e mestranda em Antropologia, criou uma ilustração da fachada do Instituto de Ciências Humanas (ICH), com seus *pixos* característicos e sua rua de paralelepípedos. Situado na região portuária de Pelotas, este prédio do ICH faz parte do patrimônio industrial da cidade, que remonta ao seu passado de prosperidade econômica e está dentre as construções recuperadas pela Universidade Federal para fins acadêmicos, e os *pixos*, marca registrada da fachada do ICH, trazem a intervenção social no urbano. Em primeiro plano, o desenho mostra a rua de paralelepípedos, também emblemática na região de Pelotas.

Depois de uma série de testes de aplicação, o desenho em linhas brancas foi aplicado sobre uma foto de uma parede descascada, com um filtro de cor violeta, tendo a intenção de inserir o logotipo do *Antropólis* na cidade, como um *pixo* em um muro descascado. O muro descascado remete tanto às marcas de memória e envelhecimento, como a uma característica da cidade de Pelotas, que com sua intensa umidade não poupa as superfícies e estruturas arquitetônicas.

Sobre a ilustração, pousa o símbolo de ondas sonoras, em laranja. Em equilíbrio com esta cor quente, uma cor fria, o violeta escuro, foi usado para o título, “Antropólis *podcast*”. Esta imagem convenceu a todos como logotipo, ao transmitir a sensação de uma conexão ampliada entre a comunidade acadêmica e a cidade. Nela, o nome do *podcast* pareceu fazer mais sentido, e assim foi aprovada a marca definitiva do projeto. A partir desta identidade visual, foram criadas as capas dos episódios, com pequenas variações, de acordo com a fotografia fornecida por cada pessoa entrevistada.



Imagens de capas dos episódios do podcast *Antropópolis*. Autoria: Gabriela Lamas.

A etapa seguinte foi definir uma equipe técnica para organizar e produzir os episódios. Guilherme passou a atuar como anfitrião e editor; Gabriela, além da produção das artes e imagens, assumiu assistência de edição; como respectivos representantes dos dois núcleos associados (GEEUR e LEPPAIS), o Prof. Francisco Pereira Neto e a Profa. Claudia Turra Magni incorporaram-se à equipe. Contando com experiência na rádio comunitária de Pelotas (RádioCom, 104.5 FM), Ítalo de Castro, graduando que havia participado no início do projeto, acabou se afastando do projeto para cuidar do podcast *Nós Nosotros*. Posteriormente, a equipe passou a contar com a valiosa participação da mestrand Ediane Oliveira, que atualmente divide a função de anfitriã com Guilherme. Formada em Jornalismo, Ediane traz consigo habilidades como produtora cultural e como apresentadora da *RadioCom*, onde manteve por anos um programa semanal.

Para testar os recursos técnicos e conversar sobre a proposta do *podcast* entre nós mesmos, fizemos um teste com membros da equipe inicial: Guilherme, Gabriela, Francisco e Ítalo. Com o resultado aprovado, decidimos publicá-lo como “episódio piloto”. Para o programa de estreia, marcamos uma entrevista com a Profa. Claudia, também membro da equipe, que se encontrava na França, afastada da UFPel para um Pós-Doutorado na *Universidade de Aix-Marseille*. Àquela altura, ainda estávamos dando os primeiros passos no desenvolvimento de habilidades

necessárias à edição de áudio e houve certa dificuldade na tentativa de dar conta dos desafios técnicos que se apresentavam. Mas ficamos muito satisfeitos com os primeiros resultados e, pouco a pouco, fomos avançando no domínio do *Audacity*, software livre para edição de áudio.

Desde as primeiras reuniões da equipe, havíamos acertado que o *podcast* teria como recorte temático os campos da Antropologia Urbana e da Antropologia da Imagem e do Som. A ideia era nos valermos da experiência acumulada pelos dois referidos laboratórios parceiros (GEEUR e LEPPAIS), para desenvolver a seguinte proposta: a cada episódio, convidar uma pesquisadora para uma conversa de pouco mais de uma hora sobre sua trajetória e atuação naqueles campos de pesquisa. Para contribuir na realização da entrevista com este pesquisador, decidimos convidar, a cada encontro, uma pessoa externa à equipe fixa, que tivesse interesse de estudo sobre o tema a ser tratado. Desse modo, o *podcast* tornou-se uma plataforma para o incremento de experiências pedagógicas, abrindo a oportunidade de estudantes e docentes de pós-graduação conversarem sobre suas pesquisas com pesquisadoras de referência em determinados temas.

Não por acaso, tivemos diversas ocasiões profundamente emocionantes, que se desdobraram das conversas com convidadas. Trocando em miúdos, a intenção do nosso programa foi de homenagear o próprio ofício da Antropologia, desvendando diferentes facetas dos percursos pessoais na formação e carreira de uma pesquisadora: as marcas impressas pelas suas experiências acadêmicas e extra-acadêmicas; as escolhas de temas estudados e os caminhos para alcançá-los; os aprendizados e dilemas inseparáveis do desafio de construir conhecimento junto com seus interlocutores em trabalho de campo; as reflexões éticas que acompanham qualquer descrição etnográfica de uma cultura; o compromisso de devolução dos resultados alcançados; a conciliação entre a pesquisa e o ensino/aprendizado da Antropologia e muito mais...

Com o desenvolvimento do projeto, passamos a apostar cada vez mais em experiências de edição, inserindo múltiplas vozes e camadas sonoras no registro da conversa com a pessoa convidada, além de disponibilizar as referências de livros, filmes ou outras publicações destacadas no episódio. À medida em que fomos experimentando novos recursos e descobrindo outros *podcasts*, percebemos as incríveis possibilidades comunicativas da podosfera e sua capacidade de nos fazer mergulhar e transitar por diferentes universos sonoros.

Audição: uma experiência sensorial e educativa

Há diversos estilos de *podcasts*. Alguns têm perfil mais narrativo, outros são voltados a diálogos e entrevistas; há os que privilegiam comentários sobre obras autorais ou biografias, dentre tantas possibilidades comunicativas. Mas para além desta diversidade de estilos, que se diferenciam da linguagem estritamente acadêmica, outra peculiaridade dos *podcasts* é a inserção de efeitos sonoros produzidos por gravador, ambiências musicais, trechos de músicas, sons e áudios disponíveis na internet, além dos próprios registros de trabalho de campo. Estes materiais sonoros integrados às falas que conduzem os programas não são, de modo algum, um apêndice ou mero “floreio” do discurso. Para além da compreensão racional do tema que está sendo discutido, esta ambientação sonora excita a percepção sensorial da audiência e contribui para interação performática da comunicação.

Para um renomado antropólogo contemporâneo, Tim Ingold (2008), o ouvir e o enxergar não são sentidos separados: o som pode nos fazer enxergar, assim como a visão nos permite ouvir. Ambos sentidos estão integrados a um corpo que, por sua vez, interage no ambiente. Deste modo, a experiência sonora não é restrita aos ouvidos, mas sim causada por vibrações em meios e superfícies que nos circundam. Para este autor, o som não é um “objeto” que nos chega do exterior para o interior de nossa mente, a qual restaria numa atitude passiva. Ao contrário, ouvimos com o corpo inteiro, ativamente e imersos no ambiente em que estamos. Assim como a luz é o “meio” através do qual conseguimos enxergar, o som é o “meio” através do qual conseguimos ouvir. Portanto, não escutamos “o” som, mas “no” som. A audição é um modo de participação no mundo, uma maneira de experienciá-lo através de nossa percepção.

Deste modo, ao recuperarmos e produzirmos ambiências sonoras para orquestrá-las em meio à linguagem verbal que guia os programas de podcasts, estamos, de alguma maneira, reativando a memória de experiências vividas, despertando a imaginação dos ouvintes e promovendo experiências de imersão nos universos sociais e culturais que estão sendo tratados. Não se trata, em absoluto, de uma audição passiva, mas de uma escuta atenta, em que a pessoa interage sensorialmente, interpreta, atribui significados e mobiliza lembranças e reflexões sobre o assunto em questão.

Além de incrementar, valorizar e dinamizar as entrevistas, essa montagem sonora permite “abrir” o discurso para múltiplas vozes, situadas em contextos, épocas e lugares distintos, em torno de um tema comum. A importância desta montagem dos programas com ambientação sonora e diversificação narrativa é tamanha, que, muitas vezes, as próprias pessoas convidadas se surpreendem com o resultado final. É como se elas redescobrissem seus próprios relatos a partir de outros pontos de vista e de escuta, abrindo-se para uma nova experiência perante o vivido, ouvido e enxergando de uma maneira renovada aquilo que elas próprias vivenciaram e relataram. Por sua vez, elas costumam se sentir estimuladas a compartilhar o programa com outras pessoas, e nós tivemos oportunidade de receber o retorno positivo de várias dessas ouvintes.

Por outro lado, em termos pedagógicos, tem sido cada vez mais comum o uso de *podcasts* em experiências educativas, tanto que a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) desenvolveu um formato para padronizar a citação deste tipo de referência em trabalhos acadêmicos⁵. Dentre algumas iniciativas bem sucedidas de produção de materiais sonoros, criados especificamente para aulas, destacamos a série “Mundo na sala de aula”, do *podcast* Mundaréu, em que estudantes de Ciências Sociais e, em especial, Antropologia, são convidadas a produzir episódios curtos, baseados em questões trabalhadas nas aulas⁶.

Em nosso caso, a partir da experiência do *podcast* Antropólis, o Prof. Guilherme Aderaldo tem lançado mão deste recurso em suas disciplinas no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal de Pelotas (UFPe), e a iniciativa tem se mostrado muito promissora. O método de ensino consiste no seguinte: e pesquisadore/professore orienta es estudantes a fazerem o que chama de “áudio-resenhas”, que consistem, basicamente, no registro sonoro de uma leitura crítica de artigos a serem discutidos em aula. Após receber os arquivos de áudio des alunes, e professore coloca em valor aquele registro, agregando outros materiais sonoros, como músicas, trechos de falas, tanto de personagens indiretamente ligados à discussão, quanto des próprias autories dos artigos resenhados. São ainda inseridos outros elementos narrativos, ambiências sonoras e narrações confeccionadas pele própria professore. Finalmente, os materiais editados retornam às estudantes, es-

5 A citação de *podcasts* deve ser feita deste modo: Título do post. [Locução de]: Nome do locutor. Local: Produtora, dia mês ano. Podcast. Disponível em: link. Acesso em: data de acesso.

6 Para mais detalhes, ver: <https://mundareu.labor.unicamp.br/series/mundo-na-sala-da-aula/>

estimulando uma apreensão mais abrangente e imersiva das discussões contidas nos textos. Em termos pedagógicos, criam-se condições de uma produção colaborativa do conhecimento, envolvendo várias protagonistas: o autor da obra de referência, o autor da resenha e o educador, que revisa a resenha e contribui para enriquecer o produto final, tal como um mestre regendo uma orquestra.

Aprendendo com a experiência, criando redes, diversificando enfoques e expandindo universos sonoros

Em 2020, finalizamos a primeira temporada do Antropólis, com 12 programas publicados. Além do episódio-piloto, participaram como convidadas, várias pesquisadoras: Claudia Turra Magni (professora do curso de Antropologia da UFPel), Otávio Raposo (realizador audiovisual e professor do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)); Denise Pimenta (pós-doutoranda na FIOCRUZ); Guilherme da Rosa (professor do curso de Cinema da UFPel); Rafael Bastos (professor do curso de Antropologia da UFSC); Bianca Freire Medeiros (professora do curso de Sociologia da USP); Patrícia Pinheiro (pós-doutoranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPB); Handerson Joseph (professor do curso de Antropologia da UFRGS); Edgar Barbosa Neto (professor da Faculdade de Educação na UFMG); Ana Luísa Carvalho da Rocha (professora da FEEVALE e pesquisadora da UFRGS). O episódio de encerramento da temporada foi construído a partir de conversas com representantes de podcasts que, ao longo deste percurso, se tornaram parceiros.

Esses intercâmbios com outros *podcasts*, aliás, têm sido extremamente estimulantes para a equipe do Antropólis. Desde o início desse processo de construção coletiva, pudemos contar com a fundamental ajuda de João Freitas, anfitrião do “Urbanidades”, *podcast* organizado pela equipe do Urbandata Brasil, vinculado à USP e ao Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Posteriormente, passamos a nos comunicar com as equipes de vários outros *podcasts* de Antropologia e Ciências Sociais, especialmente: Mundaréu, Observa Antropologia e Museológicas.

Esses diálogos e trocas foram se ampliando rapidamente, e, inspirados em outras experiências como das rádios Novelo⁷ e Guarda Chuva⁸, decidimos criar uma rede de *podcasts*, com um selo próprio e uma identidade visual (criação de

7 Ver: <https://www.radionovelo.com.br/>

8 Ver: <https://www.radioguardachuva.com.br/>

Thiago Oliveira, membro da equipe do ObservaAntropologia). A rede *Kere-Kere*⁹, de que tratamos na introdução deste livro, em curto espaço de tempo, já demonstrou a que veio, ampliando adeptos e proporcionando articulação e engajamento político, científico e colaborativo entre as equipes. Prova disso é a representação que obteve junto a importantes organizações científicas, como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS).

De sua parte, a equipe do Antropólis teve a oportunidade de fazer seu balanço em dezembro de 2020, finalizando uma primeira temporada de muito aprendizado no desenvolvimento de habilidades necessárias a garantir seu espaço na pódosfera. No episódio de fechamento deste primeiro ano¹⁰ tratamos, justamente, do processo de desenvolvimento da *Kere-Kere* e, para isso, contamos com intervenções dos três *podcasts* que, juntamente com o Antropólis, deram o passo inicial no processo de fundação da rede, ou seja, Mundaréu, Observa Antropologia e Museológicas.

A realização do episódio também anunciou uma novidade no formato de nossas emissões. Isso porque se tratou de um episódio narrativo, com um roteiro e uma montagem escritos e produzidos coletivamente. A experiência nos estimulou a pensar numa série narrativa, que pretendemos intercalar com a série tradicional em formato de mesa redonda, com entrevistas, a partir da segunda temporada.



Imagem da capa do episódio de encerramento da primeira temporada do *Antropólis Podcast*. Autora: Gabriela Lamas.

9 Ver: <https://radiokerekere.wordpress.com/>

10 Ver: https://open.spotify.com/episode/15MdGpkCiRcath6Kdk89ya?si=iied5CjGSU2nkr6_tk5v6g

No decorrer deste percurso, também percebemos que as linhas temáticas definidas inicialmente (Etnografia Urbana e Antropologia da Imagem e do Som) foram, gradualmente, se flexibilizando, o que nos incita a ampliar e diversificar nosso campo de atuação na Antropologia e também investir em diálogos com outras áreas do conhecimento, dentro e fora da academia.

Conforme adiantado, na segunda temporada, planejamos investir em novas experimentações, para além do formato original, caracterizado por entrevistas dialogadas com pesquisadores de referência. A elaboração de séries narrativas já se tornou uma realidade e, além disso, estudamos construir episódios baseados, por exemplo, em enredos de ficção produzidos coletivamente a partir de trabalho etnográfico (o que chamamos de etnoficção).

Com tudo isso, é possível concluir dizendo que o Antropólis se configurou como uma experiência não apenas de ensino, aprendizado e prática do ofício da Antropologia, mas também, e sobretudo, como um modo de incrementar o diálogo e a construção colaborativa do conhecimento para muito além da academia.

Referências

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. *Ponto Urbe* [Online], 3, 2008. Acesso em: 06 jan. 2021.



Acesse aqui a página do *podcast* Antrópolis na Rádio Kere-kere

Guilherme Aderaldo é doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador/professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (Ppgant/Ufpel). Suas pesquisas giram em torno dos seguintes temas: antropologia urbana, antropologia da política, antropologia das mobilidades e práticas culturais juvenis. *Email:* guiade@ymail.com

Francisco Pereira Neto é doutor pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS e professor de Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPEL, onde integra o Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). *Email:* francisco.fpneto@gmail.com

Claudia Turra Magni é doutora em Antropologia pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) e professora do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (Ppgant/Ufpel), onde também coordena o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) e o coletivo de pesquisas Antropoéticas. *Email:* clauturra@yahoo.com.br

Ediane Oliveira é graduada em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo (UCPel), mestra em Antropologia (UFPel) e doutoranda em Jornalismo (UFSC). Suas pesquisas abordam teorias epistemológicas de mulheres negras, mídia e necropolítica. Também atua como jornalista, assessora e produtora cultural em projetos com movimentos negros, sociais e artísticos no Rio Grande do Sul. *E-mail:* edianecomunica@gmail.com

Gabriela Richter Lamas é graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), onde é, atualmente, mestranda em Antropologia. Dirigiu curtas metragens, entre eles “Sesmaria” (São Lourenço do Sul, 2015), com o qual foi premiada em festivais de cinema do Brasil e do exterior e trabalha com direção de arte para cinema e audiovisual. *Email:* gabirlamas@gmail.com